

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

Corpo-território: audiovisual experimental, uma performance eco-poética

Raquel Maia Ferreira Arvelos
Universidade Federal de São João del-Rei
raquelmaiaarvelos@gmail.com

Bruna Guimarães Lima e Silva
Universidade Federal de São João del-Rei
limaesilvaguimaraes@gmail.com

Resumo

Este trabalho reflete sobre a obra audiovisual *Corpo-território*, concebida como dispositivo eco-poético e ecofeminista que mobiliza imagens e vozes para [des(re)]construir subjetividades e tensionar discursos hegemônicos e negacionistas. O vídeo experimental de performance e poesia entende o território como espaço de vida-morte-vida, evocando experiências de coexistência nas serras mineiras, marcadas tanto pela força vital da natureza quanto pela devastação minerária e pelo ecocídio. A obra propõe-se como denúncia e convite à ação, articulando a dimensão estética e política do corpo, da lama e da palavra poética. Busca-se, assim, ampliar as possibilidades de pensar com as imagens, mobilizando-as como gesto de (re)existência e criação de mundos outros, orientadas por uma ética do cuidado e do bem viver.

Palavras Chave: corpo-território; eco-poética audiovisual; micropolítica.

Introdução

O vídeo experimental *Corpo-território*¹, de Bruna Guimarães e Raquel Maia Arvelos, nasce do encontro entre corpos², poesia e paisagem como forma de pensar o território a partir de sua condição de vida-morte-vida. Realizado em São João del-Rei, Minas Gerais, no entorno das Serras de São José e do Lenheiro, o trabalho parte das experiências de coexistência na paisagem atravessada por memórias, afetos, feridas históricas e conflitos ambientais. As marcas da degradação da terra evocam, ao mesmo tempo, dor e resistência, tensionando o modo colonial-capitalista de exploração da natureza e de nossas subjetividades.

A obra se apresenta como dispositivo eco-poético e ecofeminista, mobilizando corpa, lama, terra seca, a câmera e a voz poética para produzir imagens que performam uma conversa com o barro, abrindo brechas para imaginar outros modos de habitar o mundo. Ao poetizar a existência e reapropriar os territórios subjetivos, *Corpo-território* atua no plano micropolítico

¹ Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xh2j9HAIDhw&t=55s>>.

² Ao longo do texto, utilizo o feminino como gênero inclusivo, compreendendo-a aqui como escolha de referência universal que acolhe a diversidade de identidades de gênero.

da transformação do inconsciente, articulando o sensível e o político como caminho para uma práxis de resistência.

Desenvolvimento

“Eu preciso que você barre toda essa gente.
A lama tem que parar de descer.
O chão árido está vivo,
está se levantando.
O pó do barro, que é vida,
Emerge!

Está subindo pelos meus pés,
está chegando nos meus ouvidos
Que lhe escutam!

Modelo o barro, que é vida.
Debulho o seco, germinando essa outra
Tão nova, quanto velha.
Essa matéria me sopra seus segredos,
está adiando o fim do mundo.

É preciso que barre toda essa gente!
Nos escombros que vocês deixaram, amplio novos horizontes.
Enquanto eu estiver aqui, continuarei regando e fertilizando o barro.

Esse barro!

Esse que está submerso debaixo de todo o cimento que cobre as ruas, casas,
condomínios, prédios, e você, instituição.
O barro está gritando por todos os lugares.
E eu? Lhe escuto!
Eu sou o meu seu corpo e,
a sua minha voz no mundo”³

Bruna Guimarães e Raquel Maia Arvelos

A observação ativa do território em que vivemos – as serras mineiras – revela uma constante negociação entre a vida e a devastação. O espaço é marcado pela ação da mineração, pelo envenenamento da terra, pelos resíduos e poluentes, atravessado ainda, pela nossa memória dos crimes ambientais de Mariana (2015) e Brumadinho (2019), configurando ecocídios e violências contra corpos humanas e não humanas, subalternizadas em nome do capitalismo e do progresso.

³ Poesia do vídeo. Honramos aqui a inspiração para a escrita: o autor, filósofo e líder indígena, Ailton Krenak, e seu livro, "Ideias para adiar o fim do mundo" 2019.

Nesse contexto, *Corpo-território* se constitui como eco-poética audiovisual, a partir dos vestígios do passado, do presente, da lama e da terra, até a imaginação de futuros. O barro – outrora fértil, outrora rejeito – torna-se matéria de criação, memória e denúncia, sendo moldado pelo corpo e pela palavra poética. A obra é, assim, denúncia e convite à ação, sustentada por uma ética ecofeminista que reconhece a interdependência entre natureza e mulheres. Ancoradas por um gesto (auto)biográfico: somos duas artistas de trajetórias distintas, mas atravessadas pelo mesmo espaço. Encontramos na arte um modo de nos auto-escrever para (re)existir.

O trabalho se inscreve em uma micropolítica do sensível. Compreendemos o inconsciente como espaço de insurgência, onde o corpo, a voz e a imagem podem mobilizar forças de transformação. De acordo com Rolnik (2019) micropolítica não se limita a uma revolução dos meios de produção, mas à reinvenção dos modos de reprodução da vida, ressignificando afetos, desejos, saberes e linguagens.

O audiovisual funciona, portanto, como dispositivo: câmera, corpo, som e palavra tornam-se ferramentas de denúncia e criação, mobilizando o pensamento e a ação. Em diálogo com Guattari e Rolnik (1996), pensamos a arte como espaço capaz de “abrir brechas no sistema de subjetividade dominante, produzindo agenciamentos de singularização”. A eco-poética aqui é expressão estética, práxis política, inseparável de um ecofeminismo que recusa a lógica da exploração e aposta no cuidado, na coletividade e na vida em comum.



Conjunto de figuras: As 3 (três) imagens acima são frames retirados da obra eco-poética *Corpo-território*. Vídeo disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xh2j9HAIDhw&t=55s>>.

Conclusões

O capitalismo reduz a natureza e as subjetividades à condição de mercadoria e consumo, naturalizando desigualdades e violências. Contra essa lógica, *Corpo-território* afirma-se como dispositivo experimental, performativo, eco-poético e ecofeminista, mobilizando corpa, lama,

VIII Colóquio Internacional
A Educação pelas Imagens e suas Geografias
10º Encontro com Imagens e Filosofia
São João del-Rei, 2025

PENSAR COM AS IMAGENS -
MODOS OUTROS DE CRIAR E HABITAR MUNDOS

poesia e audiovisual para denunciar e propor outros modos de habitar o mundo, ancorados no cuidado, na coletividade e no bem viver.

O vídeo não oferece soluções prontas, mas convoca à ação micropolítica: remodelar o barro, plantar, regar, cuidar, reapropriar-se do inconsciente, reinventar modos de viver. Tensiona discursos dominantes e instaura outras formas de sensibilidade e pensamento.

Assim, o corpo-território emerge como espaço de memória, dor e luta, mas também como potência criadora. Nas brechas do sistema, a arte se torna lugar de insurgência. A obra nos convida, portanto, a pensar com as imagens, ativando modos sensíveis de reflexão e ação no mundo.

Referências

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. Porto Alegre: n-1 edições, 2019.